

<https://doi.org/10.5965/24471267832022071>

Entre linhas e agulhas: compartilhamento de saberes artesanais na academia

Between threads and needles: sharing
craft knowledge in the academy

Entre hilos y agujas: compartiendo
saberes artesanales en la academia

Larissa Rachel Gomes Silva¹

¹ Professora Assistente do Departamento de Artes Visuais do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí, Mestra pelo Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (UFPB/UFPE) pela Universidade Federal da Paraíba. lattes: <http://lattes.cnpq.br/4923317424193806> orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2438-127X> email: rachelgomes0@gmail.com

RESUMO

Este artigo é um relato da minha trajetória como artista/professora na Universidade Regional do Cariri e na Universidade Federal do Piauí, que por meio da artesanaria, com foco em processos têxteis, venho propondo novas possibilidades de criação e referenciais artísticos. Desde que me formei meus trabalhos vem enveredando pela experimentação de materiais e processos manuais como a costura e o bordado, o que foi ganhando força durante o mestrado quando tive contato com a Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, que trabalham com bonecas de pano na cidade de Crato-CE, passei a compreender o fazer artesanal como arte. Desde que assumi a docência em 2019, venho provocando meus estudantes a olhar para seu próprio território, para as referências que estão fora da academia e fazem parte da cultura popular local. Partindo da pesquisa de Ivone Richter (2008) que se tornou minha principal referência nesta pesquisa, este artigo tem por objetivo relatar sobre o uso de saberes populares na Universidade e como os/as alunos/as se apropriam desse conhecimento.

PALAVRAS-CHAVE

Artesanato; Artista/professora; Saberes populares; Universidade; Artes Visuais.

ABSTRACT

This article is an account of my trajectory as an artist/professor at the Universidade Regional do Cariri and at the Universidade Federal do Piauí, which, through craftsmanship, focusing on textile processes, have been proposing new possibilities for creation and artistic references. Since I graduated, my work has been experimenting with materials and manual processes such as sewing and embroidery, which gained strength during my master's degree when I got in touch with the Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, who work with rag dolls at city of Crato-CE, I came to understand handcraft as art. Since I took up teaching in 2019, I have been provoking my students to look at their own territory, at references that are outside the academy and are part of local popular culture. Based on the research by Ivone Richter (2008) which became my main reference in this research, this article aims to report on the use of popular knowledge at the University and how students appropriate this knowledge.

KEY-WORDS

Craftsmanship; Artist/teacher; knowledge; University; Visual arts.

RESUMEN

Este artículo es un relato de mi trayectoria como artista/docente en la Universidade Regional do Cariri y en la Universidade Federal do Piauí, que, a través de la artesanía, centrándose en los procesos textiles, vienen proponiendo nuevas posibilidades de creación y referencias artísticas. Desde que me gradué, mi trabajo ha sido experimentar con materiales y procesos manuales como la costura y el bordado, que se fortalecieron durante mi maestría cuando entré en contacto con la Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, que trabaja con muñecas de trapo en la ciudad. de Crato-CE, llegué a entender la artesanía como arte. Desde que asumí la docencia en 2019, vengo provocando a mis alumnos a mirar hacia su propio territorio, hacia referentes que están fuera de la academia y son parte de la cultura popular local. Basado en la investigación de Ivone Richter (2008) que se convirtió en mi principal referencia en esta investigación, este artículo tiene como objetivo informar sobre el uso del conocimiento popular en la Universidad y cómo los estudiantes se apropian de este conocimiento.

PALABRAS-CLAVE

Artesanía; Artista/maestro; conocimiento; Universidad; Artes visuales.

Introdução

Quando ingressei na licenciatura em Artes Visuais, tinha uma visão muito limitada sobre o que era de fato arte, pensava que apenas o que existia nos museus e galerias legitimava o/a artista, e que tudo que vinha do sudeste do Brasil e da Europa tinha valor artístico, isso porque estava no interior do Ceará, e ainda não conseguia ver a potencialidade do meu próprio lugar.

Meu olhar preconceituoso e colonizador, foi se dissipando, notei que estava totalmente equivocada quanto aos meus referenciais, passei a olhar melhor o meu entorno, o cariri cearense é uma terra rica em cultura, em mestres, artesanato, e em arte, mas quando estamos vivendo nosso cotidiano, acabamos não notando essas sutilezas.

Finalizei a graduação em 2015, tinha algumas ideias sobre quais caminhos seguir, a principal era fazer mestrado e aprofundar meus estudos sobre mulheres artistas da região, mas essa ideia era muito vasta, tive que delimitar, e acabei estudando apenas um grupo de mulheres, que formam a Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, e que se dedicam a trabalhar com bonecas de pano, e foi aí que todo o meu preconceito acabou, conversar com esse coletivo, procurando entender suas motivações, histórias e processo criativo, me fez ver o processo artesanal de outra forma.

Quando tive a oportunidade de ser professora da mesma universidade onde me graduei, tinha como objetivo fazer com que as/os estudantes tivessem esse despertar, de perceber seu território, como um lugar de grandes potencialidades artísticas.

Saberes

O trabalho que venho desenvolvendo começou com o processo têxtil, ainda é um mundo de descobertas e possibilidades, o fato é que meu encantamento por esse processo tem a ver com as relações que podem ser estabelecidas entre as mulheres, que compartilham seu conhecimento com seus familiares, e até mesmo com as amigas próximas.

Tenho lembranças de quando minha avó materna me ensinou alguns pontos de costura e bordado, e quando minha tia, do lado paterno, me ensinou a fazer crochê, recordo que quando minha tia começava a fazer crochê, compartilhava com as amigas da vizinhança dicas de pontos e técnicas de como fazer acessórios. São momentos como esse, que podem levar a construção de um trabalho colaborativo, e unir visões e histórias diferentes, entre mulheres de diversas gerações:

As confecções de colchas, tapetes, mantas, têm sido motivo de integração de grupos, de coesão e sedimentação de laços humanos. Convertem-se em metáforas de cooperação e enriquecimento mútuo, onde o diálogo, o intercâmbio e a criação eliminavam atitudes protagonistas, e exerciam o motor de identificação grupal, de exercícios de auto-estima de um grupo ou comunidade, geralmente feminino, ainda que sozinho. Serviam e servem aos grupos de mulheres de diversas idades, e onde se reconhece a autoridade — em geral dá mais velha — por meio de sua experiência, destreza e conhecimento artístico e técnico. São espaços diferentes na sociedade que reconhecem e dão voz à mulher mais velha, geralmente depreciada ou silenciada em outros âmbitos (CAO, 2008, p. 81).

A troca de saberes entre mulheres que produzem trabalhos manuais é muito comum, quase natural, o que remete a outro ponto que pretendo abordar com essa pesquisa, levar para espaços de ensino formal tal conhecimento, como forma de reafirmar quem somos, a nossa identidade, e compartilhar nossa cultura em escolas e universidades, como uma forma de reafirmar e valorizar a nossa herança cultural, através dos olhares de mulheres, como Dr^a. Ivone Mendes Richter, em Interculturalidade e estética do Cotidiano no Ensino das Artes Visuais, propõe:

A fim de compreender como acontecem as relações estéticas entre a escola e os elementos da sociedade na qual ela se insere, considere necessário delimitar o universo da pesquisa, concentrando minha atenção no papel da mulher como disseminadora e promotora da herança cultural e estética, por meio de seu trabalho na família (RICHTER, 2003, p.54).

A professora Dr^a Leda Guimarães, em 2012 aborda essa temática questionando:

Em vários momentos na minha sala de aula percebo alunas com sacolas contendo algum tipo de material para trabalhos manuais. Nem sempre essas alunas executam a atividade dentro da universidade. Medo de serem repreendidas, de não ser o local adequado, de serem vistas como artesãs, são alguns dos motivos listados para essa timidez (GUIMARÃES, 2012, p. 69).

De fato, como estudante e como professora hoje, ainda percebo o quando estudantes, recorrem aos fazeres artesanais para complementar a renda familiar, porém em processos artísticos, muitas vezes não conseguem assimilar as duas práticas acreditando que é um conhecimento inferior. Em 2019 a professora Dr^a Ana Mae, levanta a mesma discussão quando relata:

O grande desafio intercultural no Brasil são os preconceitos de raça e gênero, mas o preconceito de classe social é o mais avassalador, resultando em um fosso intransponível entre a elite e o povo. Por isso, minhas pesquisas agora se concentram na produção das mulheres artesãs, aquelas que vivem de seu trabalho, são pobres e vivem em regiões longínquas do país (BARBOSA, 2019, p 83.)

Compreendo que ainda existe a necessidade de aprofundar a relação entre arte e artesanato dentro da universidade, principalmente na Licenciatura em Artes Visuais, que além de formar futuros profissionais, que podem enveredar para docência, trabalha com a formação do olhar decolonial, legitimando a sua própria cultura e seus próprios saberes.

Por essa motivação, como professora/artista, reconheço a importância do artesanato para as artes, e por esse motivo venho trabalhando com esses fazeres e provocando minhas turmas a experimentar esse conhecimento, assim começo meu relato, desde a minha formação inicial até enveredar na docência.

Trocas

Minha experiência docente teve início no ano de 2019, como professora substituta do departamento de Artes Visuais, do Centro de Artes Reitora Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau, da Universidade Regional do Cariri -URCA, pouco tempo depois de concluir o mestrado em Artes Visuais, pela Universidade Federal da Paraíba.

Uma das primeiras disciplinas que tive a oportunidade de ministrar foi “Arte Popular e Estética do Cotidiano”, na ocasião, tive o cuidado de levar artistas populares da região, para a sala de aula, pois, ainda tinha como referência a experiência que adquiri durante o mestrado, quando me propus a pesquisar à Associação das Bonequeiras no Pé de Manga, cuja proposta, é recriar as bonecas de pano que conheceram na infância.

Dessa forma, levei para a sala de aula o que aprendi com elas e com a pesquisa de mestrado, me voltei para o meu lugar, e para as referências artísticas mais próximas, para trabalhar tanto no meu processo criativo, quanto na docente.

Compartilhei o que havia aprendido com as mulheres da associação, e como meu interesse pela arte e saberes femininos surgiu com os ensinamentos da minha avó, desta forma, direcionei meus alunos a trabalharem uma vivência, que tivesse como referência, um saber ensinado por algum familiar, mãe, pai, avós, tias, ou até mesmo amigos e vizinhos.

Para explicar melhor a proposta, os provoquei, levando algodão cru, linhas e agulhas, para ensinar alguns pontos de bordado, a exemplo, do que minha avó havia me ensinado, chamado ‘ponto atrás’. A troca foi satisfatória, cada um foi trabalhando com os temas que achavam mais interessantes, e os resultados foram bem variados, alguns já mostravam habilidade com o bordado, mesmo sem nunca ter tentado trabalhar com a técnica anteriormente (Fig. 1).

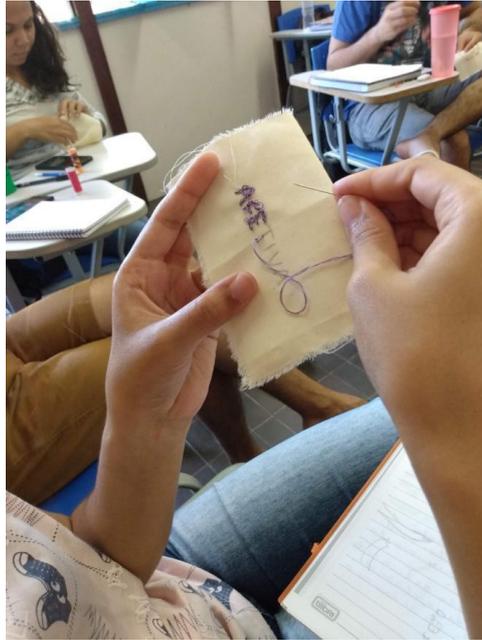


Fig.1: Autora, alunos em processo de criação, Crato-CE, 2019. Fonte: arquivo pessoal.

Após a primeira provocação, cada um dos alunos ficou responsável por compartilhar um saber familiar, com o restante da turma, sendo permitido o uso de técnicas variadas. Prefiri não restringir as possibilidades, mas sugeri que fossem saberes, aprendidos com algum familiar ou pessoas próximas.

Uma das estudantes trabalhava com couro, e já havia desenvolvido trabalhos com esse material (Fig. 2), ela explicou que aprendeu o ofício observando o seu pai, já que ele havia se recusado a ensiná-la diretamente, e pouco a pouco, foi aprendendo o ofício, e desenvolvendo seus próprios trabalhos.



Fig.2: Autora, Aluna orientando a turma a realizar a costura em couro, Crato-CE, 2019. Fonte: arquivo pessoal.

Outro momento marcante da disciplina, foi quando um outro estudante, apresentou a proposta de confeccionar bonecos de T.N.T. (Fig. 3), relatando que produzia bonecos desde criança, e que havia pedido a sua mãe que o ensinasse, pois, queria fazer os personagens que gostava de ver nos desenhos animados e histórias em quadrinhos. E a partir dos ensinamentos de sua mãe, como não tinha condições de comprar, passou a fazer seus próprios brinquedos.



Fig.3: Autora: Aluno orientando a turma para a confecção de bonecos com T.N.T, Crato-CE, 2019.
Fonte: arquivo pessoal.

Foram momentos enriquecedores, não apenas pela troca de saberes, desde técnicas de bordado, e costura em couro, os quais haviam sido passados por familiares ou por conhecidos, mas por vivenciar melhor a história de cada um dos estudantes.

Foi encantador ver que o grupo passou a entender, que a arte não estava apenas na Universidade ou nas Instituições de arte ou nas grandes capitais, que os saberes mais populares devem ser valorizados, e podem estar mais próximos do que se imagina.

Em 2022 passei a lecionar na Universidade Federal do Piauí, em Teresina, no Departamento de Artes Visuais, sem dúvidas foi uma grande mudança pessoal e profissional, que me permitiu vislumbrar novas possibilidades.

Uma das disciplinas que passei a ministrar “Análise de Materiais Expressivos”, contempla uma área que vem me interessando bastante, pois busca o estudo de materiais e suas possibilidades de uso, muito similar ao que já vinha estudando, desta forma, propus diversas atividades, e entre elas, estudos de técnicas têxteis (Fig.4).



Fig.4: Autora, aluno em processo de criação, Teresina - PI, 2022. Fonte: arquivo pessoal.

Além dos experimentos com materiais expressivos, trabalhei com a turma de “Pintura”, a técnica de aquarela sobre algodão cru, levando-os a refletir sobre a pintura, os ensinei o mesmo ponto que aprendi com a minha avó quando criança, “o ponto atrás”, para explicar para a turma do que se tratava, além de demonstrar, expliquei que seria como ir um passo à frente e voltar um passo atrás.

Apesar das reclamações sobre como bordar era difícil e exigia paciência, no final alguns até acharam que era um processo terapêutico (Fig.5), alguns ainda tinham a intenção de continuar o processo para aperfeiçoar a técnica.



Fig.5: Autora, aluna em processo de criação, Teresina-PI. 2022.Fonte: arquivo pessoal:

Em todas as situações as propostas despertaram o interesse dos estudantes, mesmo que alguns fossem relutantes, pois alegavam, que não sabiam nem colocar a linha na agulha, o fato é que todos acabaram se permitindo a experimentar.

Considerações finais

Ambas as experiências, que aconteceram em estados diferentes, em um espaço de tempo curto, tiveram resultados diversos conforme as orientações, na URCA, o processo foi muito mais voltado para uma busca afetiva, de saberes variados, indo além de processos têxteis, já na UFPI, dediquei os últimos meses do semestre aos processos manuais, usando como material peça de roupas, não evocando diretamente as memórias, mas a materialidade.

Nos dois casos observei como cada estudante foi desenvolvendo o que tinha de melhor, principalmente os grupos da UFPI, pois alguns, se desafiaram a realizar processos que nunca tinham tentado, a exemplo do bordar. Em todos os grupos ensinei o básico, mas neste último tive mais atenção a orientação de cada trabalho, notando as dificuldades que apresentavam e como solucioná-las.

Não considero que os processos tiveram um fim, mas abriram possibilidades para novas experimentações, meu olhar para cada trabalho é bastante particular, pois cada um, seguiu um caminho, e levaram a resultados diversificados, não é possível comparar, ou classificar como bom, ou ruim, mas até onde cada um conseguiu chegar.

Logo, entendo que a arte e o artesanato, estão interligados, e podem até seguir de forma individual, mas, no fim, acabam se encontrando, afinal o que é um artista que não consegue trabalhar com as possibilidades de cada material.

Mário de Andrade (1938) levantou essa questão entre o artista e artesão, ele acreditava que todo artista deveria ser ao mesmo tempo artesão, pois entendia que o artista deveria conhecer os processos, as técnicas, os materiais.

O fato é que esses saberes, antes considerados “inferiores”, podem ser repensados, as práticas vistas como artesanato, e desvalorizadas, são colocadas dentro das salas de aula das Universidades, como forma de compartilhar conhecimento, e experimentação de técnica e materiais.

A provocação de levar esse conhecimento, mais “popular” para a Universidade, foi uma forma de trabalhar o olhar dos estudantes em relação ao seu lugar, para o seu território, levando-os a entender seus próprios pertencimentos, quanto aos saberes desvalorizados.

Referências

ANDRADE, Mário. **O artista e o artesão**. Aula inaugural dos cursos de Filosofia e História da Arte, do Instituto de Artes, Universidade do Distrito Federal, 1938.

BARBOSA, Ana Mae. Mulheres: arte, artesanato, design .In:BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Vitória (Orgs.) **Mulheres não devem ficar em silêncio**: arte, design, educação. São Paulo: Cortez, 2019. p. 72-93.

CAO, Marián López Fernández. Educar o olhar, conspirar pelo poder: gênero e criação artística. In: BARBOSA, Ana Mae; AMARAL, Lilian (Org.). **Interterritorialidade**: mídias, contextos e educação. São Paulo: Editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008, p 69-86.

GUIMARÃES, Leda. O caminho das eiras: trabalho, cotidiano e aprendizagem das artesanias femininas.In: MARTINS, Raimundo; MARTINS, Alice Fátima (Orgs.). **Interações com Visualidades em Contextos de Ensinar e Aprender**. Goiânia: UFG/FAV; FUNAPE, 2012. p. 69 - 98.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais**. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.

Submissão: 14/10/2022

Aprovação: 20/11/2022